PRÁXIS

ENTREVISTA

Edilberto Francisco Moura Sena: "Estamos numa peleja aos moldes do Davi contra Golias. Nossa estratégia é tentar acertar a testa desse Golias. Nossa saída deve ser coletiva. Precisamos, ainda, aprender a juntar as nossas forças"

Por Revista Terceira Margem Amazônia:

Rogerio Almeida[1] e Sara Pereira[2]

Edilberto Sena é um frade franciscano na linha de frente do combate das pelejas populares, no Baixo Amazonas, há mais de 40 anos. Ainda menino escapou de virar operário em seringal na cidade de Belterra, quando o sonho em domesticar a árvore era implantado por Henri Ford. Ganhou o mundo com a mediação de religiosos e formou-se em Teologia e Filosofia e é comunicador popular. Dirigiu a Radio Rural de Santarém por 12 anos. A Rural é um dos mais importantes veículos de comunicação do campo popular do estado do Pará, com mais de 50 anos no ar. Aos 75 anos de idade, o franciscano mantém com energia e afinco o ânimo em inúmeras frentes que atua. Sena assina dois livros, **Uma Revolução que ainda não aconteceu**, que aglutina editoriais que assinou no site da rádio, lançado em 2014 e o livro **Amazônia: o que será o amanhã?** Este, lançado em 2011. Sena fala inglês, espanhol e italiano. Apesar do cenário sombrio que nubla a agenda de desenvolvimento para a região, acredita que é possível um novo mundo, sob a inspiração de grandes nomes da história, entre eles, Gandhi, Mandela e Fidel.

Revista Terceira Margem (RTM) – O senhor pode falar um pouco sobre a sua origem e a sua formação?

Pe. Edilberto Sena – Meu nome é Edilberto Francisco Moura Sena. Sou caboco de Belterra e tenho 75 anos. Quando nasci, a cidade ainda era distrito de Santarém, hoje Belterra é um município autônomo. Primeiro fiz filosofia e teologia para a formação para ser padre e comunicação para atuar em rádio. Sou padre diocesano com formação franciscana e me especializei em comunicação na Holanda na área de rádio popular. Depois, segui para mais capacitação, na mesma área, de rádio popular, em Costa Rica. Foram cursos de curta duração. O primeiro durou quatro meses e o segundo seis meses. No caso do curso da Costa Rica, o objetivo era ser preparado a fim de liderar uma escola de capacitação em comunicação popular na Amazônia. Este projeto era uma iniciativa da Escola de comunicação da Rádio Holanda. Não conseguiu ser implantado na região, por falta de recurso.

[1] Professor do Curso de Gestão Pública e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). E-mail: araguaia_tocantins@hotmail.com.
[2] Graduada em Letras e Direito, Educadora da Fase Amazônia. E-mail: saronpereira@hotmail.com.

Em 1994 retornei à diocese de Santarém, para a pastoral, até chegar à Rádio Rural da Diocese, onde fui diretor por 12 anos. Neste período aprofundamos a perspectiva na emissora com a educação e a evangelização libertadora. Outro elemento deste período foi a ampliação da ação da rádio em escala regional. Daí que surgiu a ideia de criar uma rede de rádios para a produção de conteúdo, a partir das realidades dos agentes locais. Tudo realizado com a cara e a coragem, sem recursos. A gente foi convidando as emissoras e elas foram aderindo. A maioria tem relação com a Igreja Católica. Mesmo assim, a linha editorial da Rede não é católica, mas cristã, para dar voz e vez aos lutadores sociais da região. Em 2008 começamos com 15 minutos de notícias produzidas por cinco emissoras. Um ano depois éramos oito rádios, com a produção de meia hora de notícias de segunda a sexta-feira, mais uma rádio revista de 30 minutos semanal sobre meio ambiente. Este programa já recebeu um prêmio nacional da instituição SIGNIS CNBB. Hoje somos 19 emissoras em rede, que cobrem quase a totalidade da Amazônia. Faltam somente os estados do Tocantins e do Mato Grosso. A lógica é que as rádios que integram a rede produzam as notícias, encaminhem para a cabeça da rede, que é a Rádio Rural de Santarém [nascida em 1964] e ela fica encarregada em produzir o jornal e devolver às emissoras. O grande objetivo da rede é que a Amazônia possa se comunicar com a própria Amazônia, a partir da agenda dos lutadores da Amazônia.

RTM – Como foi o processo de você entrar para a Igreja?

Edilberto Sena – Bem... aí tem uma história! Quando eu era garoto, em Belterra, o nosso destino intelectual era estudar até a 5ª série primária, mas a nossa escola de Belterra não tinha reconhecimento do Ministério da Educação. Nossa família era pobre. O meu pai trabalhava na Companhia Ford, responsável pelo monocultivo da seringueira, nos anos do governo Vargas, idos da década de 1940. O diretor do colégio Dom Amando, em Santarém, comunicou que haveria uma seleção para bolsas de estudo, na cidade de Santarém. Meu pai assinou o papel solicitando uma bolsa e comentou que assim eu não iria cortar seringa com ele, e mandou eu voltar para Santarém com o documento. Acontece que antes de eu confirmar entrada no colégio D. Amando, o vigário de Belterra perguntou se eu gostaria de ser padre. Prontamente aceitei e ali mudou meu destino. Era o ano de 1957; a gente teria que ir para a Paraíba. Uma viagem longa. Sair de Santarém para a Paraíba era como sair do Brasil até o Japão. Foi a primeira vez que viajei de avião. Eu sempre brinco que Deus armou um esquema para eu embarcar. Então, fui estudando e com sete anos de seminário, já tinha 21 anos de idade, concluí o nível científico, como se dizia na época. Naquele momento eu já estava fisgado por Deus, admirador de São Francisco de Assis. Indagado se queria ser frade, eu topei. Segui para Pernambuco para fazer o noviciado franciscano. Mudei meu nome para frei Elias e vesti o hábito franciscano. Neste momento os meus parceiros de Belterra já haviam

caído fora da missão. Em 1970 continuei os estudos de filosofia, um ano em Olinda e dois anos em Ilinnois, EUA. De lá, em 1967 voltei para Bahia para fazer Teologia. Ah, deixa eu contar um episódio curioso do período. Eu já estava com uns 23 anos, fui eleito para integrar o Diretório dos Estudantes. Fui a uma reunião da União Nacional dos Estudantes (UNE). Os demais colegas não quiseram correr risco e não foram. Tomei coragem e fui. Recebi as instruções do endereço e fui. Cometi uma gafe danada. A moça que foi animar o diálogo sobre a conjuntura da época começou a falar sobre a Transamazônica. Na época, ainda inocente e besta levantei a mão e defendi a rodovia. Argumentei que a estrada seria uma libertação pra gente. Ainda bem que a pessoa que fez o convite para eu participar explicou que eu estava começando o processo de formação. Em 1970 fui ordenado padre franciscano, no apogeu da ditadura militar. Minha primeira paróquia foi na cidade de Monte Alegre. Era um frade trabalhador, comportado, ainda não tinha uma consciência política. Mas, já sabia da opção da Igreja Católica pelos pobres registrada na Conferência Geral do Episcopado da América Latina, ocorrida em Medellín, na Colômbia, em 1968. Fiquei em Monte Alegre por 5 anos. Já em 1976 eu estava mais atento, vim para trabalhar na formação de seminaristas em Santarém. Mesmo com a repressão da ditadura conseguia ler o Pasquim, a revista Realidade e outras opções de comunicação. Neste momento começo a fazer programa na rádio da diocese e conhecer os princípios da Teologia da Libertação, obras de Leonardo Boff, o irmão dele [Clodovis], que na época militava no Acre, do Gustavo Gutierrez, etc. O Clodovis, ultimamente, enrolou bandeira, renunciou às teses da Teologia da Libertação. Eu gostava de ler. Foi a herança que meu pai deixou. E assim fui assimilando que fé e vida caminham juntas.

Rogerio Almeida e Sara Pereira

RTM – Tu te defendes em quantos idiomas?

Edilberto Sena – Falo inglês, me viro em espanhol e arremedo italiano. Eles que se virem para entender, mas até que me saio bem. Já dei conferências na Itália e participei de seminários no Equador.

RTM – Tu podes falar um pouco da sua família, seus irmãos, quantos estão na mesma trincheira que você?

Edilberto Sena – A família é grande. Somos em 11 irmãos. Uma é ligada ao movimento de mulheres. Já aposentou. Outra participou vários anos no movimento popular, foi co-fundadora do Partido dos Trabalhadores no município de Aveiro, hoje está aposentada, e eu. Meu povo está espalhado no mundo. Tem duas em Brasília, um em Manaus, uma em Monte Alegre e os demais em Santarém e Rurópolis.

RTM – Você tem dois irmãos que estão com problemas de saúde. Acometidos com câncer.

Você relaciona a questão com o avanço da fronteira agrícola da soja, por conta do uso intensivo do agrotóxico?

Edilberto Sena – Tema delicado. Uma irmã enfrenta um câncer de mama e um irmão com câncer na língua. O da mana está em estado bem avançado. O irmão operou em Manaus. Mas, teve uns probleminhas na recuperação. A gente enfrenta a peleja com medicamentos convencionais, caseiros e fé. No caso dos meus irmãos não é possível fazer o nexo causal entre o avanço da fronteira da soja e a doença. O Eduardo trabalhou na Ceplac (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira), teve pouco contato com venenos das lavouras. No entanto, existem indicativos que o uso intensivo de venenos nos municípios com mais incidência de soja, provocam o aumento de casos da doença. Tem a possibilidade da contaminação por meio da alimentação, já que os monocultivos são marcados pelo uso intensivo de agrotóxico. A gente compra uma maçã, um tomate, tudo tá cheio de veneno. Por isso não descartamos que meus dois irmãos tenham impactos do agrotóxico.

TRM – quais as cidades com maior incidência da soja na região?

Edilberto Sena – Belterra, Mojuí dos Campos e Santarém. Conforme a Cargil, a região tem 70 mil hectares com soja. Em debates com representantes da empresa, indaguei sobre a responsabilidade deles na contaminação das regiões e eles responderam que não se sentem responsáveis.

RTM – Você pode falar um pouco sobre o processo de luta do povo do Lago do Maicá?

Edilberto Sena – Vivemos um avanço, no nosso território, pelo grande capital. Há vários projetos de hidroelétricas de grande e pequeno porte, um monte de portos. Em Itaituba isso já ocorreu, são três portos funcionando e mais uns 12 em projeto. No caso do Lago do Maicá, trata-se de um conjunto de portos. Aqueles bairros, Área Verde, Maicá, Pérola do Maicá, Jutaí, todos estão ameaçados. As prefeituras nunca regularizaram a situação das famílias que moram por lá. Nunca deram a titulação. É um negócio cruel. Aí chegou a Embraps (Empresa Brasileira de Portos de Santarém) quer tomar conta de tudo. Para mim, o grupo que forma a Embraps é testa de ferro de um empresário oriundo da Argélia. Eles simplesmente meteram uma placa por lá e alegam que compraram o lugar. A história se repete aqui. É a mesma lógica que ocorre em qualquer lugar na Amazônia. Eles cooptam políticos, moradores mais articulados, neutralizam a imprensa e alardeiam que irão promover o desenvolvimento e gerar emprego. O mesmo expediente é usado pela Alcoa, no município de Juruti. Há uma total indiferença aos modos de vida das populações ancestrais. Lá no começo da Cargill (2000), com o porto aqui em Santarém, ela nem fez estudos de impacto ambiental. Foi tudo na marra, em total indiferença às nossas leis. Lá no Maicá, hoje a

região está dividida por conta da ação da Embraps. Neste combate, vale sublinhar a ação dos Ministérios Públicos, o Federal e o Estadual, na ação em defesa dos direitos das populações locais. Faz o combate em defesa dos mais frágeis e também as nossas pastorais sociais, juntos conseguiram suspender o processo de licenciamento do projeto. Bem, a gente não pode ser ingênuo e desconsiderar a força do capital. Tem ainda o processo de licenciamento da imobiliária Buriti, no outro lado da cidade. Invadiram e derrubaram 186 hectares de mata nativa sem fazer estudo de impacto ambiental. O Ibama embargou a obra. Mas, as máquinas continuam lá, paradas. Significa que eles estão buscando furar o cerco e realizar as obras deles. São muitos os embates.

RTM – Por falar em combate, foi favorável o combate no processo de revisão do plano diretor da cidade, onde a pauta dos movimentos sociais conseguiu vencer a do setor imobiliário e dos sojicultores?

Edilberto Sena – O plano é outra batalha. Felizmente conseguimos vencer e manter a Região do lago do Maicá como Área de Proteção Ambiental (APA) e vetar a proposta em verticalizar o nosso paraíso Alter do Chão. No entanto, existe um porém, a Câmara Municipal é frágil aos encantos do capital. Lá tá cheio de gente seduzida pelas empresas, que, ao menor descuido nosso, passa os interesses das empresassem à frente. Precisamos manter a vigilância.

RTM – Edilberto, estamos numa região cuja agenda é marcada pela presença dos grandes projetos. O que fazer diante deste cenário?

Edilberto Sena – Estamos num momento delicado. O Estado subordinado pela agenda do grande capital. Estamos numa peleja aos moldes do Davi contra Golias. Nossa estratégia é tentar acertar a testa desse Golias. Nossa saída deve ser coletiva. Precisamos, ainda, aprender a juntar as nossas forças. Cada grupo tem uma estratégia e metas diferentes. A missão é juntar isso tudo no enfrentamento em defesa do nosso território. Precisamos convencer os estudantes. Nós vivemos numa cidade universitária. Temos cerca de 12 mil estudantes universitários. A universidade não tem ajudado para a composição de uma consciência crítica sobre a região. Precisamos desses jovens nesta luta, nesta militância. Precisamos reinventar mecanismos de enfrentamento, a exemplo do que estamos tentando fazer no exercício de uso do Protocolo Consulta baseado na Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), órgão da Organização das Nações Unidas (ONU). A convenção trata da defesa dos territórios dos povos originários. Ele obriga que os povos devam ser consultados antes da implantação de qualquer grande empreendimento que possa afetar o seu território e as suas formas de reprodução econômica, social e cultural. O combate tem sido bem desigual. Nele o Estado tem colocado até a Força Nacional

contra as populações locais.

RTM – Além da ação conjunta dos movimentos, do protocolo consulta, da comunicação popular, que outros instrumentos e saídas são possíveis?

Edilberto Sena – Temos saídas a partir da agroecologia, da energia solar, da medicina alternativa, a partir dos conhecimentos ancestrais. Estamos aqui há milênios! Imagine se o governo decidisse investir metade do que investe no agronegócio e colocasse a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e a Ceplac, etc. para ajudar o pequeno produtor a melhorar a agricultura familiar, a explorar os bens da floresta sem destruí-la. É necessário potencializar essa agenda.

RTM – Você estava falando sobre universitários, com relação à Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), uma universidade que nasceu aqui, no coração da região, qual seria o papel?

Edilberto Sena – Temos duas questões. Uma, qual tem sido o papel da UFOPA? Outro, qual deveria ser? A UFOPA nasceu contra a vontade de um grupo de jovens estudantes há uns sete anos atrás. A luta era a construção de uma universidade cujo sujeito de estudo fosse a Amazônia, em todos os seus aspectos: Arqueologia, Sociologia, Antropologia, Psicologia, Geologia, Botânica, etc. com vistas a tornar a região um sujeito de direitos. Lamentavelmente, já no tempo do Lula, a universidade veio de Brasília com o esquema montado para formar gente para atender as demandas das grandes empresas que aportavam na região. Na época, fiz uma pesquisa que consta em meu livro, onde constatei que do conjunto dos 33 cursos na criação da UFOPA, somente 11 eram da área de humanas. Os demais eram do campo técnico, voltados para atender as grandes empresas. Entendo que o papel da universidade é o fomento do pensamento crítico, da defesa da vida. Lamentavelmente, em meu sentimento, isso não tem ocorrido.

RTM – Com relação ao Papa Francisco, qual a sua leitura com relação à atuação dele?

Edilberto Sena – Bem, eu sou cristão. E caso eu não fosse, eu passaria a acreditar no espirito santo por conta da eleição de dois papas. O João Paulo XXIII, eleito em 1958, e o Papa Francisco, agora. Por que? Primeiro o Papa Francisco quebrou a hegemonia europeia. Todos os papas, até aquela época, tinham sido europeus. Um latino, um argentino, o Jorge Mario Borgoglio conseguiu vencer. Lembro o contexto da eleição dele. Enfrentou críticas por conta de o acusarem de ter apoiado a ditadura argentina. Se foi ou não, o que vale é ele hoje. Ele tem se demonstrado um camarada inteligentíssimo. Comprometido com o Evangelho de Jesus Cristo. A preocupação dele é em ser

cristão, e não papa. Por esse motivo ele é respeitado. Talvez ele seja o único líder mundial a ser ouvido por todos os ângulos: Rússia, China, Índia, etc. Em todo canto ele é escutado. Ele se constitui como uma esperança para o nosso planeta. Ele não trata somente de catecismo, moral da família, etc. Ele trata da questão ambiental, justiça social, crítica ao capitalismo. Nesse sentido ele tem uma definição de vida. Assim como Jesus Cristo na Galileia.

RTM – Nesta trincheira, o que representa a encíclica verde do Papa Francisco, a Laudato si?

Edilberto Sena – É um ponto chave em nosso combate. É a visão de um dirigente latino. A proposta dialoga com a conferência de Medellín e atualiza para os dias atuais. A *Laudato si* é um documento que ultrapassa os muros do Vaticano e o público católico. Há uma inquietação com o futuro do planeta e da humanidade, em particular, com a Amazônia, sua gente e riquezas e os serviços ambientais que a região presta em vários campos, onde se insere a questão climática. Na mesma direção é a proposta do Sínodo Panamazônico. A proposta dele sofre oposição no Vaticano. Apesar disso é uma liderança respeitável em todo o mundo por conta do compromisso com a humanidade. Tem uma frase dele que é emblemática. Copia aí: "A gente é capaz de perdoar, Deus perdoa sempre, mas, a natureza não perdoa".

RTM – No que pese a atuação do Papa, a disputa é marcada por grande diferença de forças. A correlação é bem desigual. Diante disto, nós estamos num combate perdido?

Edilberto Sena – Olhando para a História eu creio que não estamos num combate perdido. Eu já fui provocado por conta disso várias vezes. Há uns personagens que podem nos servir de inspiração para o combate. Cito Gandhi, Mandela, Fidel Castro e Che Guevara. Eles revelam a nós que, mesmo quando parece não haver chance de vencer, existe uma utopia capaz de ser realizada. Quando você pensa que Mahatma Gandhi lutou por 50 anos pela independência da Índia do jugo inglês e conseguiu; Mandela ficou preso por 27 anos e consagrou em ser o líder maior da África do Sul; quando você olha a luta de Fidel e Che não podemos apagar a esperança, precisamos ter uma meta comum. Precisamos vencer a destruição da Amazônia, se Deus quiser. E Deus quer.

TERCEIRA MARGEM

AMAZÔNIA

DOSSIÊ BAIXO AMAZONAS